

GRAXA-DE-ESTUDANTE: uma flor entre usos, releituras e re-existências

GRASA DE ESTUDIANTE: una flor entre usos, relecturas y re-existencias

Carlos Eduardo Ferraço¹

Fabiano de Oliveira Moraes²

Resumo: Com o objetivo de provocar problematizações e produções de sentidos acerca das reinvenções e dos movimentos de re-existência possíveis nos/dos/com os cotidianos escolares e culturas, este ensaio propõe uma outra escritura (ALVES; GARCIA, 2001) acerca de usos que subversem as escrituras curriculares. Toma, para tanto, a perspectiva cotidianista de currículo. A partir dos conceitos de: reinvenção, usos cotidianos, estratégia e tática de Certeau (2009); desterritorialização, reterritorialização, linhas molares, moleculares e de fuga de Deleuze e Parnet (2004), de Deleuze e Guattari (1997a; 1997b, 2003), de Guattari e Rolnik (1986), e de Rolnik (2007); jogos de poder e jogos de verdade de Foucault (2006); o ensaio apresenta possíveis usos e reinvenções de uma flor (graxa-de-estudante, hibisco) pelos estudantes como táticas, linhas de fuga, desterritorializações e jogos de poder, por meio de reinvenções potentes diante de normas escolares rígidas que materializam linhas molares em mecanismos de controle e vigilância.

Palavras-chave: Currículos. Cotidianos. Cultura.

Resumen: Con el objetivo de provocar problemastizaciones y producciones de sentidos acerca de las reinvencciones y de los posibles movimientos de re-existencia en/de/con los cotidianos escolares y culturas, este ensayo propone otra escritura (ALVES; GARCIA, 2001) acerca de usos que subversan las escrituras curriculares. Para ello, se utiliza de la perspectiva cotidianista de currículo. Partiendo de los conceptos de: reinvención, usos cotidianos, estrategia y tática de Certeau (2009); de desterritorialización, reterritorialización, líneas molares, moleculares y de fuga de Deleuze y Parnet (2004), de Deleuze y Guattari (1997a; 1997b, 2003), de Guattari y Rolnik (1986), y de Rolnik (2007), juegos de poder y juegos de verdad de Foucault (2006); el ensayo presenta posibles usos y reinvencciones de una flor (grasa de estudiante, hibisco) por los estudiantes como tácticas, líneas de fuga, desterritorializaciones y juegos de poder, por medio de reinvencciones potentes ante normas escolares rígidas que materializan líneas molares en mecanismos de control y vigilancia.

Palabras clave: Currículos. Cotidianos. Culturas.

UMA CITAÇÃO: à guisa de epígrafe (quijá de introdução e conclusão)

[...] uma outra escritura que vem sendo aprendida: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros, de sabores, em que a imaginação não é impedida de criar, em que a sensibilidade se mostra sem vergonha, em que a intuição é convidada a se manifestar) e que, talvez, alguns considerem não possa mais ser chamada de “escrita” (pois então lhe daremos outro nome!). Será aquela que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos e diferentes fios; aquela que pergunte, mais que dê respostas; aquela que duvide do próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala*. (ALVES; GARCIA, 2001, p. 17).

CENAS DA VIDA CONTEMPORÂNEA...

¹ Professor Associado do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais (DTEPE/CE/UFES). E-mail: <ferraco@uol.com.br>

² Professor Adjunto do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE/CE/UFES). Email: <professorfabianomoraes@gmail.com>

Estudantes uniformizados, tênis coloridos, cadarços de combinações, tons e amarrações dos mais diversos.

A variedade de modelos, signos, marcas e tendências também se faz perceber nas mochilas e bonés, nos celulares, aparelhos e aparatos tecnológicos, nos fones, cordões de prata e de aço, nos *piercings* e tatuagens, nos brincos, pulseiras e colares, nos uniformes customizados, adaptados e estilizados.

Os tantos artefatos estético-culturais que produzem marcas identitárias marcam os processos de identificação dos alunos nos grupos, nas tribos e nos entrelugares e *espaçostempos* de pertencimento, territorialização, desterritorialização, reterritorialização, entre *shoppings*, praças, bailes, festas, gritos, redes sociais, amigos, leituras, comunidades virtuais, perfis, memes, releituras, imagens, luzes, ícones, palavras, signos, sons, símbolos, interações.

Currículos³.

OUTRORA...

Na escola, uniformes, calças, camisas, gravatas, sapatos, pastas de couro, saias, bolsas, cintos, laços de fita, colares, anéis, óculos, chicletes.

Nos bailes, as cores, os leques, os vestidos, os *smokings*, as danças, a orquestra, os penteados, a brilhantina, as piscadelas, os rostos colados.

No cinema, o escuro, a luz, as imagens, a tela, o movimento, as poltronas, os dedos entrelaçados, as emoções, as carícias, os beijos roubados.

As marcas identitárias se faziam presentes nas falas, nos grupos, nas brincadeiras, nas músicas, nos bilhetes secretos, nos encontros marcados, nas rupturas, nas táticas, nas re-existências, nos usos, nas releituras e nas reinvenções que se faziam de objetos, acessórios, movimentos, roupas, ordens, *espaçostempos*, seres, e, pasme: até mesmo de plantas. Signos vivos, signos moventes.

NAS RUAS...

– Eufrásio!! Corre, Eufrásio! Pega esses meninos! Estão de novo arrancando as flores da cerca viva!⁴

– Ah! Mas eu pego esses moleques! – Gritava Eufrásio, correndo em direção à rua.

E a moçada dava no pé.

Rapazes colegiais, cada qual com uma flor em suas mãos.

Correndo, que: se Eufrásio pega um deles, é confusão na certa.

O ritual era frequente: flores arrancadas da cerca viva de dona Francinha; gritos da mulher chamando o marido; ameaças de seu Eufrásio, que dava um curto pique para assustar os estudantes; jovens, aos risos, correndo em disparada.

Algumas ruas adiante, em ritmo mais descontraído, os rapazes gargalhavam e inventavam caminhos, ziguezagueando de uma calçada a outra em meio aos ruídos distantes dos automóveis: escreviam passos imprecisos, riscavam signos ilegíveis em garatujas gestuais, em gaguejos, gírias, risos. Cada um trazia uma flor vermelha ou cor-de-rosa de hibisco, desterritorializada e reterritorializada, nas mãos.

³ Currículos, na concepção tomada no presente ensaio, constituem-se no jogo de forças estabelecido no cotidiano entre prescrições e práticas, em meio a relações de poder concomitantemente instáveis, locais e difusas, presentes nesse jogo de forças. Relações essas que não provêm de um ponto único ou central, “[...] mas vão a cada instante “de um ponto a outro” no interior de um campo de força, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção, resistência” (OLIVEIRA, 2005, p. 104). Por essa razão, lançamo-nos o desafio de tratar de tais relações que constituem os currículos sem repetirmos o termo currículo no decorrer do ensaio, pois a nosso ver os currículos permeiam intrínseca e inerentemente as *teoricopráticas* de que tratamos no presente trabalho.

⁴ Optamos, no presente ensaio, por utilizar itálico nos trechos referentes à narrativa ficcional que permeia o trabalho.

HOJE, NAS RUAS...

Os estudantes que passam pelas ruas ostentando seus tênis coloridos talvez desconheçam a razão que um dia levou os hibiscos que ornamentam os passeios e as calçadas, os jardins e as alamedas, os parques e as praças, a serem conhecidos pelo nome de graxa-de-estudante. Alguns desses jovens talvez nem saibam que as gerações anteriores usaram, como parte do uniforme escolar obrigatório, calçados pretos das marcas Bamba e Kichute, ou que seus predecessores calçavam Conga nas aulas de educação física e sapatos Vulcabrás (como peça obrigatória do uniforme) que deviam estar sempre engraxados e brilhantes.

Nessa época, a disciplina que se fazia presente nas inspeções dos alunos formados em filas mostrava-se atenta aos mínimos detalhes dos corpos juvenis escolares: à gola da camisa e à gravata; aos botões e ao alinhamento das meias; aos vincos das saias e das calças e ao tecido devidamente engomado; à postura e ao alinhamento dos corpos; ao silêncio e à imobilidade. A normalização precisava se fazer visível nos alunos da cabeça aos pés, dos cabelos aos sapatos: se os primeiros deviam estar presos no caso das moças e cortados nos moldes adequados no caso dos rapazes, os últimos deviam estar amarrados e muito bem engraxados (em todos os casos).

Como uma boa apresentação rendia elogios e gratificações e o seu oposto resultava em sanções e punições, os mais atentos dedicavam um tempo de seus dias para passar a velha graxa preta nos sapatos e dar um bom brilho no couro. Outros faziam uso da planta ornamental hibisco em estratégias, táticas e reinvenções que coloriam o cotidiano escolar. Seu uso era feito não apenas para cumprir de modo alternativo as normas da escola, mas também como modo de produção de sentimento de pertencimento a determinados grupos.

DOS USOS...

Mais duas velas adiante e todos se sentavam no meio fio com o cuidado necessário para não amarrotar ou sujar os uniformes do antigo Colégio.

As flores de graxa eram, então, amassadas entre os dedos e esfregadas nos sapatos. Garatujas, borrões, pinturas, pinceladas, riscos, rabiscos e hibiscos. O couro brilhava de imediato e os dedos, tingidos de roxo, eram a prova do crime, da arte, da escrita, da reinvenção, da releitura e, ao mesmo tempo, do dever cumprido em subversões, subversos escritos nas margens das calçadas, nas notas de rodapé dos meios-fios, nos pergaminhos calçáveis. Diversão, pedaços de flor lançados fora, brincadeiras, troças, risos. O dia se reinventara em releituras e reescrituras cotidianas.

– Vamos, bicho, que o sinal já vai tocar.

O sinal, um grito, uma ordem, mais um signo entre tantos: leituras. Era o tempo de molhar as mãos no mato ainda orvalhado, toque sutil, perceptos táteis. Depois seguir limpando os dedos em pedaços de papel de caderno, texturas, textos, escritas digitais. Então, mostrar a caderneta ao porteiro, escrita documental, condição de vida, existência. E entrar pelo largo portão do colégio entre zombarias, empurrões, gracejos e conversações sem fim, re-existência.

O vasto pátio abrigava ao centro o prédio de três andares com janelas altas e portas enormes. O acesso à porta principal de entrada se dava pela grande escadaria de onde o inspetor e os professores, com olhares severos e vigilantes, aguardavam a formação em filas para que se iniciasse o canto do Hino Nacional seguido das instruções do diretor e da temida (pelos alunos) inspeção⁵.

É PRECISO DISCIPLINA, POIS ESTAMOS ATENTOS A CADA DETALHE

⁵ Tomamos por referência para a narrativa ficcional deste ensaio o Colégio Liceu Muniz Freire, hoje Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (CEEMTI) Liceu Muniz Freire, localizado em Cachoeiro de Itapemirim, município onde nasceram os autores deste ensaio, e instituição onde alguns de seus familiares estudaram nas décadas de 1940, 1950 e 1960. A narrativa ficcional também tomou por base memórias, depoimentos e relatos informais de familiares.

– *Disciplina. Sim, queremos alunos disciplinados. Por isso permaneçam em fila e imóveis enquanto o inspetor e os professores fazem a inspeção.*

A disciplina, esse conjunto de “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 118), surgiu de maneira esparsa em diversas instituições e não deixaram, desde o período Clássico (século XVII)⁶ “[...] de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro” (FOUCAULT, 1987, p. 119).

– *Lembrem-se, alunos, é preciso cuidar de todos os detalhes, pois estaremos atentos a cada um deles.*

CHECKLIST: detalhes tão pequenos...⁷

Os quesitos eram conhecidos por todos.

Uma lista mental guardava cada um dos itens inoxidáveis, lidos a cada dia e relidos em escrituras, regras, regulas, regulamentos, normas:

- material escolar: completo;
- cabelos: cortados (meninos), presos (meninas);
- camisa com o brasão da escola: passada, vincada e abotoada;
- gravata azul marinho: bem colocada e alinhada;
- calça azul marinho: passada, engomada e vincada;
- saia azul marinho com preguinhas: plissada e vincada;
- meias 3/4: brancas, esticadas;
- sapatos: engraxados, brilhando.

A INSPEÇÃO

Nos dias sem chuva, a revista se dava em pátio aberto. As turmas aguardavam, em fileiras, o fim do ritual para subirem, uma a uma, e adentrarem ao prédio. Quando chovia, a inspeção ocorria no ginásio que ficava ao lado da piscina olímpica, ou diretamente nas salas.

E no decorrer da permanência na escola, eram observadas, apontadas, registradas, escritas e pontuadas a economia do tempo e a pontualidade: nos deslocamentos de uma sala a outra, do pátio à sala, da sala ao ginásio, da casa à escola; na realização de atividades; na leitura e na escrita; no cumprimento de tarefas; na produção; nos movimentos; nas falas; nos exercícios, nos silêncios.

No período clássico, a disciplina surge deixando de lado o caráter triunfal do poder que vigorara até então, e desenvolve-se como um poder modesto e humilde (quando comparado aos procedimentos solenes dos soberanos e aos aparelhos de controle estatais), no entanto permanente. Para Foucault (1987, p. 143), o “[...] sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico: o exame”.

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia a vigilância hierárquica numa subdivisão dos corpos que efetiva a distribuição, a circulação e o intercâmbio dos indivíduos em séries, filas, idades, graus e classes,

⁶ Se na Idade Média o “detalhe” era vigiado por Deus, a quem não escapava nem o menor deles, a partir do período clássico ele passaria a ser racionalizado em virtude de sua utilidade “[...] na contabilidade moral e no controle político [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 120), por meio de instrumentos precisos que permitiriam sua descrição minuciosa e seus cálculos mais específicos. Se, para o homem medieval cada detalhe é importante por não escapar, nem o mais insignificante deles, do olhar de Deus, para o homem disciplinado da era clássica, destaca Foucault (1987, p. 120), “[...] nenhum detalhe é indiferente [...] pela entrada que aí encontra o poder que quer apanhá-lo”. A disciplina é, portanto, “[...] uma anatomia política do detalhe [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 120).

⁷ O subtítulo da seção: “detalhes tão pequenos” (CARLOS; CARLOS, 1971) é trecho da canção *Detalhes*, imortalizada na voz de Roberto Carlos, um dos jovens estudantes do Colégio Liceu Muniz Freire, de Cachoeiro de Itapemirim, no período contemplado pela nossa narrativa ficcional.

nas escolas, oficinas, fábricas, corporações e hospitais, desenvolvia-se também uma técnica de apropriação e de capitalização do tempo. As relações dos corpos e das forças com o tempo são calculadas no sentido de que o seu movimento se transforme em lucro e utilidade, o que possibilitaria o aprimoramento de técnicas de produção que, posteriormente, se encontrariam plenamente desenvolvidas.

Pois todos os dias o ritual de inspeção se repetia: de um lado, o inspetor escrevendo passos por entre as linhas de alunos com uma régua (regra) em suas mãos para que fossem punidas as brincadeiras (releituras) “indevidas”. De outro, os professores, com caneta e papel em mãos (armas de controle e de registro de sanções, escrita-regulação) circulavam retirando da formação os alunos que não cumprissem os quesitos necessários para adentrar a escola e assistir às aulas. Esses eram encaminhados à secretaria para que recebessem uma ocorrência (também escrita) em sua caderneta e retornassem às suas casas com as marcas da advertência cravadas a ferro e fogo naquele pergaminho, pele de papel, espécie de continuidade ritual da epiderme do aluno.

“Seja como for, é sempre verdade que a lei se inscreve sobre os corpos. Ela se grava nos pergaminhos feitos com a pele dos seus súditos. Ela os articula em um corpo jurídico. Com eles faz o seu livro” (CERTEAU, 2009, p. 210). Segundo o autor, todo poder (como todo saber) é traçado primeiramente em cima das costas de seus sujeitos. Os pergaminhos e papéis são colocados no lugar do corpo para substituí-los em períodos felizes. “Os livros são apenas metáforas do corpo” (CERTEAU, 2009, p. 211).

Todos em forma (como os livros dispostos nas prateleiras da biblioteca).

Alinhados (como os registros do caderno de ocorrências feitos pelo inspetor).

Imóveis (como a palavra presa sob o peso de chumbo da mesa do diretor).

Assíduos (como o Hino Nacional regido pelo maestro da banda marcial).

Asseados (como algumas palavras higienicamente agressivas do cônego).

Pontuais (como o ponteiro pequeno chegava sempre a tempo da nova badalada).

Limpos (como cada nova folha absorvente do mata-borrão do professor).

Uniformizados (como as letras de determinada fonte se uniformizam nos livros).

Para que possam ser vistos, inspecionados, examinados, lidos, quantificados, qualificados, escritos.

Foucault (1987, p. 156), ao analisar a medalha comemorativa da primeira revista militar passada por Luís XIV, em 1666, afirma que “os “súditos” são aí oferecidos como “objetos” à observação de um poder que só se manifesta pelo olhar. Não recebem diretamente a imagem do poderio soberano, apenas mostram seus efeitos [...]”. A disciplina, a partir do período clássico, invertendo o eixo da individualização, que outrora num processo “ascendente” destacava os soberanos e poderosos da massa popular, torna-

[...] “descendente” à medida que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados; e por fiscalizações mais que por cerimônias, por observações mais que por relatos comemorativos, por medidas comparativas que têm a “norma” como referência, e não por genealogias ancestrais como pontos de referência; por “desvios” mais que por proezas (FOUCAULT, 1987, p. 161).

No entanto, é ao resistir, re-existir, reinventar, subverter e subversar essa objetivação “imposta” que o sujeito, em sua singularidade, produz *saberes-fazeres* ruptores e potentes em uma rede partilhada, conduzindo tais relações de poder (que se materializam por meio da imposição de estados de dominação) a jogos de poder, nos quais os jogos de verdade circulam estabelecendo jogos estratégicos entre liberdades, pois para Foucault (2006), as pessoas são muito mais livres do que se pensa.

Desse modo, os sujeitos aproveitam os breves momentos em que esse panóptico (que a tudo e a todos almeja ver e vigiar a todo instante e que anseia dominar o tempo por meio da fundação de um lugar sob o controle das estratégias delineadas da vigilância) e então, por meio de táticas, resistem e re-existem em meio a essa rede da “vigilância”, como nos faz lembrar Certeau (2009). Suas estratégias de reinvenção cotidianas, seus “[...] procedimentos populares (“minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela, a não ser para alterá-los” (CERTEAU, 2009, p. 40).

Em meio à rigorosa inspeção, leitura precisa e científica, um dos estudantes dá um peteleco na orelha do colega à frente, rasura, garatuja, rabisco, risco, hibisco. A transgressão passa ao largo da vigilância dos superiores. Outro, em silêncio, dá uma piscadela para uma das meninas do grupamento ao lado. Os corpos, com os seus olhares gritantes, com as suas batidas de coração ensurdecedoras, com os seus ritmos dizentes, insistem em subverter a ordem. E assim o fazem.

Esses gritos, práticas que promovem a reapropriação do *espaçotempo* delineado, escrito e mapeado pelas estratégias de poder, são “maneiras de fazer”, modos de proceder, reinvenções e releituras, astúcias que compõem “[...] a rede de uma antidisciplina” (CERTEAU, 2009, p. 41).

ENTRE LINHAS, CADARÇOS, REDES E AMARRAÇÕES

Para Deleuze e Parnet (2004), os sujeitos são compostos por linhas molares ou duras, linhas moleculares ou flexíveis e linhas de fuga. Enquanto as linhas molares ou duras promovem divisões e bifurcações, as linhas moleculares ou flexíveis permitem relativas desestabilizações passíveis de controle por parte da despótica ordem molar. As linhas de fuga, por sua vez, conduzem a desterritorializações, de modo a permitir, por meio de caminhos alternativos, a singularização em seus processos disruptores (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 45).

No entanto, ao mesmo tempo em que os sujeitos desconhecem sobre que linha transitam, também desconhecem por onde se deve passar a determinada linha que estão prestes a traçar. Existe “[...] toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 21).

O sujeito, tecido no emaranhamento das linhas molares e moleculares, é, pois, “[...] uma molecularização do molar e uma molarização do molecular” (DOEL, 2001, p. 102). Já as linhas de fuga levam às desterritorializações, favorecendo a expressão da singularidade por meio de rupturas e descodificações, de caminhos alternativos em um espaço em que linhas molares apresentam fissuras e fendas. E essas tais linhas de fuga são gravitadas por buracos negros, podendo ser por eles binarizadas ou prosseguirem em sua intensidade fazendo jorrar signos-partículas que escapam a essas estruturas gravitacionais sobrecodificadoras.

Para Deleuze e Parnet (2004, p. 51), partir, evadir, “[...] fugir, é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobrem mundos através de uma longa fuga quebrada”. Mas, alerta Rolnik (2007, p. 49-50), não se trata de fugir do mundo, pois “é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir”. A linha de fuga criativa, portanto, “[...] arrasta consigo qualquer política, economia, burocracia ou jurisdição; suga-as como o vampiro, para lhe extrair sons ainda incógnitos que pertencem ao futuro próximo” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 78).

A singularização, portanto, se efetiva na possibilidade de desterritorializações criadoras a partir das linhas de fuga “[...] exatamente por causa do “perigo” de toda linha que escapa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 87). O sujeito, em suas práticas singulares, reinvenções, subversões, transita como nômade por um espaço liso “[...] marcado apenas por “traços” que se apagam e se deslocam com o trajeto [...]” (DELEUZE, GUATTARI, 1997b, p. 43), sabendo esperar com a paciência infinita, característica do nômade, pois para ele a desterritorialização não é senão a sua própria relação com a terra, para ele a reterritorialização se dá na própria desterritorialização. Cabe transitarmos como nômades no espaço liso ao invés de permanecermos no espaço estriado do pensamento sedentário.

Assim se dá na estética da vida, nas reinvenções da linguagem, dos signos, das marcas, na sua desterritorialização, na reinvenção dos *espaçotempos*, nas linhas de fuga e processos de singularização. Desterritorialização, fuga, arte. Os sujeitos cotidianos, em suas desterritorializações, fugas, criações,

teoricopráticas, fazem de suas vidas, de suas práticas, dos usos de objetos e artefatos (sejam flores ou celulares) e do *espaçotempo* escola, uma obra de arte.

Linhas de fuga reinventam redes, como as amarrações inusitadas feitas pelos jovens de hoje em seus cadarços de tênis, subversão das escrituras definidas pelas amarrações outrora padronizadas e regulamentadas. Reinvenção de mundo.

A GRAXA-DE-ESTUDANTE: entre táticas e estratégias

Voltando aos sapatos. Deviam estar impecáveis na inspeção escolar.

Os alunos mais preocupados já haviam dedicado um tempo do dia anterior para passar a velha graxa preta em seus calçados, dando um bom brilho no couro, como ditava a ordem disciplinar.

Outros optavam por usar o recurso que a natureza e o jardim de Dona Francinha ofereciam: a graxa-de estudante⁸ (Figura 1).

Tal uso talvez tenha surgido como oportuna tática, como um movimento dentro do campo de visão do inimigo, aproveitando as “ocasiões” de falha do mecanismo estratégico e as oportunidades oferecidas por um instante (CERTEAU, 2009).

Talvez como astúcia de um aluno (astúcia do fraco) por desleixo ou rebeldia, por desatenção ou atraso, por esquecimento ou vontade, por discordância ou resistência, por falta de dinheiro ou por inovação, já a caminho da escola, temendo ou desafiando o peso da punição, a rigurosidade do inspetor, a vigilância do panóptico escolar.

Talvez como criatividade cotidiana, como reinvenção dos usos de um artefato natural, justamente a flor, a mesma que doravante constituiria uma marca identitária a promover identificação de grupos, convívios potentes e bons encontros.

Talvez como singularidade, estética da vida, cuidado de si, prática de liberdade, linha de fuga, reinvenção do mundo, artes de fazer o mundo fugir, prática de si.

Imaginemos que foi assim: um dia um aluno escutou, no passado presentificado (e presenteado) das narrativas de um antigo soldado, um dos possíveis usos daquela flor. Então, experimentou garatujar, esfregar, rabiscar, arriscar, hibiscar, em seus sapatos embaçados e foscos, aquelas folhas verdes, pétalas brancas, pétalas vermelhas, pétalas amarelas, pétalas cor-de-rosa. Independentemente de qual tenha sido a história, o resultado foi motivo suficiente para que a planta fosse rebatizada, reescriturada, com um nome sugestivo: graxa-de-estudante.

Poderíamos mesmo pressupor, com base em Certeau (2009), que uma possível tática tenha se tornado estratégia potente entre os estudantes: uma flor na mão de um jovem a silenciar a dureza dos castigos; uma folha colhida no limbo das ruas a burlar o poder disciplinar e normalizador da vigilância das inspeções; pétalas brancas, amarelas, vermelhas ou cor-de-rosa colorindo, a caminho da escola, os risos adolescentes e sobrepujando lamentos, dores e punições.

EM NOSSOS DIAS...

A casa de Dona Antônia, neta de Dona Francinha e de Seu Eufrásio, ainda hoje ostenta uma cerca viva de hibiscos, agora externada por um muro gradeado.

⁸ Reino: *Plantae*; divisão: *Magnoliophyta*; classe: *Magnoliopsida*; ordem: *Malvales*; família: *Malvaceae*; gênero: *Hibiscus*. (AGAREZ; PEREIRA; RIZZINI, 1994, p. 210). Embora comumente se aponte para a China, a Malásia ou a Índia como local de origem do hibisco, há controvérsias, afirma Felipe (2004). Segundo o autor, registros árabes afirmam que a planta, também conhecida como graxa-de-soldado, era cultivada na Andaluzia, Espanha, no século XII. Outras fontes apontam, de maneira mais abrangente, para a África e a Ásia tropical como regiões de sua origem. A planta arbustiva, cultivada em interiores e jardins, é comumente usada em cercas vivas. Suas flores em cores variadas “[...] duram um ou dois dias e são usadas para dar brilho aos sapatos na Índia; no Brasil, antigamente os estudantes faziam o mesmo uso, daí ser chamada de graxa-de-estudante” (FELIPPE, 2004, p. 96).

No jardim interno, enquanto Fernanda, filha de Dona Antônia e bisneta de Dona Francinha e de Seu Eufrásio (que Deus os tenha!) toma um chá de hibisco, Dona Antônia mostra a Bruna, sua netinha (tataraneta de Dona Francinha e de Seu Eufrásio, e filha de Fernanda), uma brincadeira popular que aprendera na infância com sua avó Francinha (uma das tantas leituras da vida e outro dos tantos usos e reinvenções criativas possíveis a partir da flor de hibisco).

A agradável senhora apanha uma flor de graxa no arbusto e conta à menina:

– Era uma vez uma rainha (mostrando a flor). Ela foi ao banheiro, tirou sua coroa (retira os estigmas: topete com cinco estruturas que coroam a flor), tirou sua peruca (corta os estames de uma só vez: estruturas com pólen que ficam abaixo dos estames), tirou seu vestido (remove as pétalas da corola, uma a uma), tirou sua calcinha (retira as sépalas do cálice e o pedúnculo: pequenas folhas modificadas abaixo das pétalas e o talo que as sustenta), e fez cocô (por fim, a avó aperta a parte inferior da flor, e o ovário cilíndrico sai em meio aos risos de Bruna).

– Está vendo, Bruna? Até as rainhas fazem cocô⁹. (Figura 1)

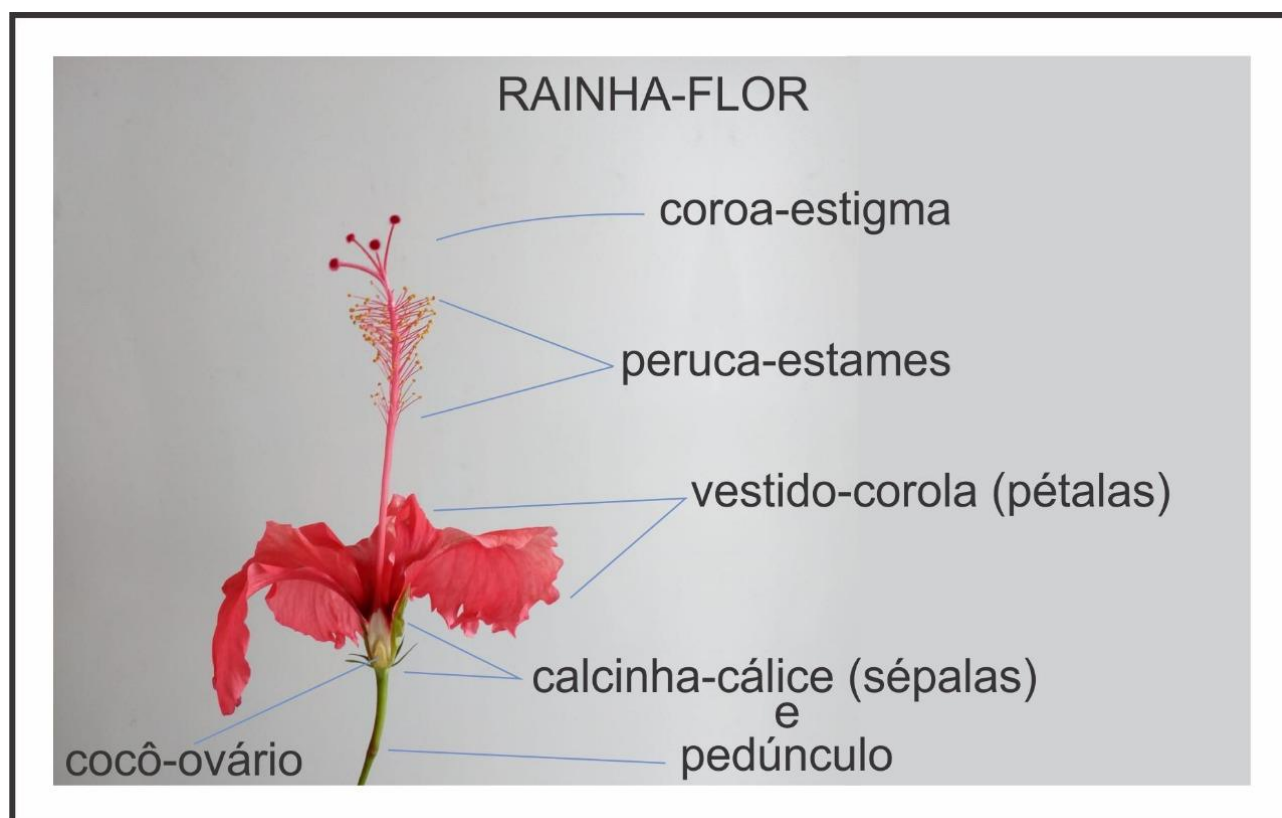


Figura 1 – Rainha-flor. Autoria: Mírian Moschen.

ENQUANTO ISSO...

...do lado de fora, com seus aparatos tecnológicos, suas roupas coloridas, seus adornos e seus penteados, um grupo de rapazes da nova geração de alunos transita pela calçada da casa de Dona Antônia sob o fundo sonoro dos muitos ruídos de carros e motocicletas. Alguns dos quais talvez netos ou bisnetos dos colegas de outrora.

Em meio a conversações, risos, pulos, abraços, puxões, toques, empurrões, um dos meninos ergue o braço esquerdo e apanha no alto uma flor cor-de-rosa que ousara desabrochar para além das grades, domínios metálicos da propriedade privada. Ajeita o talo da flor entre as mechas de cabelo e com ela enfeita seu belo corte que escorre levemente a frente de seu rosto. Depois desfila em volteios e olhares para os colegas, brilha em meio a risos, filmagens, troças, fotos, aplausos, postagens, lives, gracejos, assovios, stories, mãos dadas, beijos: reinvenções de si, reinvenções de mundo.

⁹ Alusão ao livro *Até as princesas soltam pum*, da autoria de Ilan Brenman (2008)

Uma flor, graxa que mancha, rasura e faz brilhar. Signo potente, escrevente, gritante, marca que produz subjetividades e que promove resistência ao poder e à opressão. Um signo, dentre tantos outros constituídos em usos e reinvenções cotidianas, em improváveis releituras, em reescrituras vivas: re-existência.

REFERÊNCIAS

- AGAREZ, Fernando Vieira; PEREIRA, Cezio; RIZINNI, Cecília Maria. *Botânica angiospermae: taxonomia, morfologia, reprodução, chaves para determinação das famílias*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1994. p. 244.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano – duas experiências. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, Universidade do Minho, vol. 14, n. 2, p. 1-37, 2001. p. 1-37.
- BRENNAN, Ilan. *Até as princesas soltam pum*. Ilustrações de Ionit Zilberman São Paulo: Brinque-Book, 2008. p. 28.
- CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. Detalhes. In: CARLOS, Roberto. *Roberto Carlos*. São Paulo: CBS, 1971.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 316.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. p. 152.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.4. Coordenação da tradução: Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a. p. 200.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. Coordenação da tradução: Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b. p. 264.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água, 2004. p. 190.
- DOEL, Marcus. *Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 77-110.
- FELIPPE, Gil Martins. *Entre o jardim e a horta: as flores que vão para a mesa*. São Paulo: Ed Senac-SP, 2004. p. 288.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 288.
- _____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: _____. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Manoel Barros da Motta (org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 264-87.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 328.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP et alli, 2005. p. 152.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007. p. 248.

Recebido em: 14/08/2018

Alterações recebidas em: 11/12/2018

Aceito em: 12/12/2018